

ENTRE O ÍDOLO E O IDEAL*

M. Masud R. Khan

* Título original:
"Entre L'Idole et
L'Ideal".

Tradução de
Denise Vieira Lee
e Suzana Alves
Viana.

O ser humano começa a ser não como sujeito, mas sim como objeto. A criança pequena, de fato, existe e se experimenta unicamente através da atenção de sua mãe, atenção "idolizante"¹: ela é objeto dos cuidados maternos. Nós fomos tão doutrinados nestes últimos anos por uma teoria que quer que a psique do bebê seja um caldeirão de ansiedades infinitas e de conflitos incessantes, que chegamos a esquecer que no princípio a criança existe somente como objeto dos cuidados e do amor maternal. Progressivamente, à medida que os processos de maturação vão permitir a constituição dos diversos aparelhos do eu (moi) e do isso (ça), a criança pequena começará a formar as representações de si que se pode descrever como sendo o "eu subjetivo" (soi-sujetif). Como Winnicott sublinhou tão freqüentemente, os equipamentos biológicos são, na criança, dependentes do cuidado materno (ambiente/entorno) e permitem a formação quanto à sua articulação, sua diferenciação e suas possibilidades de realizações, naquilo que será mais tarde identificado como sendo as funções e as propriedades do eu (moi) e do isso (ça). Winnicott insiste particularmente na condição seguinte: que a mãe seja capaz de antecipar, pela afetividade, assim

¹ Este artigo está centrado na distinção que estabelece o autor entre idolização e idealização, nós nos permitiremos este neologismo (nota do tradutor francês)

² D. W. Winnicott, "Reparation in respect of mothers organised defense against depression" (1948), in *Collect Papers*, Londres, Tavistock Publications, 1958.

como pela imaginação, os primeiros gestos criativos de sua criança. É isso que forma a base de uma verdadeira confiança da criança no desenvolvimento e na cristalização de seu sentimento do si mesmo. A reparação é, no seio dessa confrontação complexa entre a criança e seu ambiente (humano e não humano), um processo importante. Para Winnicott o ambiente vai reunir a "experiência de onipotência" da pequena criança, deixando-se, por assim dizer, criar pela criança – como é no caso do campo dos objetos e dos fenômenos transicionais – e deixando à criança a possibilidade de trazer sua própria contribuição ao meio que cuida dela. No domínio de referência próprio a Winnicott, o processo de reparação é a expressão de uma potencialidade natural, de um conjunto de forças libidinais e agressivas, imaginativas e afetivas, em trabalho na psique-soma da criança. Winnicott, diferentemente de Melanie Klein, não limita a tendência reparadora à função de atenuar e neutralizar os danos causados pelas pulsões sádicas nos primeiros estágios da infância. Segundo ele, se, por alguma razão pessoal ou outra, a mãe não consegue responder à tendência reparadora (criadora) de sua criança, há um desequilíbrio na diferenciação eu-isso (moi-ça) que está se operando; a tendência reparadora só é, então, utilizada com fins defensivos.² A reparação utiliza, portanto, todos os processos então disponíveis do eu e do isso, para trazer uma contribuição ao ambiente humano e não humano e para estabelecer um núcleo de confiança na relação criadora com este meio. Ora, como essa contribuição (reparação) se encontra refletida pelo ambiente, ela suscita uma confiança no sentimento crescente da identidade pessoal e na autenticidade das experiências do eu tanto na psique quanto no soma.

O tratamento analítico intensivo, ao longo dos vinte últimos anos, de uma dúzia de casos de perversão, me permitiu isolar um modelo da primeira relação mãe-criança que conduz à escolha de práticas sexuais perversas (heterossexuais bem como homossexuais). Todos os sujeitos em questão tinham sido em sua infância muito amados por suas mães. É notório que, em cada caso, o pai, mesmo estando vivo e bem presente na experiência da criança, não era, no entanto, registrado como presença ou como pessoa. A mãe oferecia à criança cuidados corporais intensos, mas de modo impessoal. A criança era tratada pela mãe como sua "criação-coisa" (*thing-creation*) mais do que como uma pessoa que está emergindo e crescendo. É sobre essa "idolização" do bebê e da criança que quero chamar a atenção. Utilizo

aqui propositalmente a palavra “idolização” e não idealização, pois os dois processos são aos meus olhos bem distintos. A idealização é um processo intrapsíquico; ela é muito influenciada pela fantasia. A idolização, ao contrário, é um sobreinvestimento de um objeto exterior real; ela se apóia nas atitudes e funções do eu (moi) que englobam os investimentos do isso (ça) e os intensificam para pô-los a seu serviço. Ela implica, portanto, uma exploração mental dos componentes instintuais e dos processos psíquicos primitivos em relação a um objeto exterior – no caso a criança.

Meu material clínico é aqui muito próximo daquele que observou Phillis Greenacre.³ Para avançar, eu diria que, num tal clima de relação mãe-criança, a criança começa muito cedo a perceber que aquilo em que a mãe investe é alguma coisa de muito especial nela e não ela como pessoa total. A criança aprende a tolerar essa dissociação no seio da experiência dela mesma e, gradualmente, faz de sua mãe sua cúmplice, mantendo esse objeto especial criado. Etapa seguinte nesse esquema de desenvolvimento: a criança interioriza esse eu-ídolo(soi-idole) que era a coisa criada da mãe. Isso, se produz geralmente por volta da fase edipiana, quando as mães desse tipo tomam consciência repentinamente de seu apego intenso a sua criança e retraem-se bruscamente. De um golpe só, essas crianças experimentam um traumatismo de separação tardio, em um estágio em que o eu delas pode registrá-lo mais vivamente: isso se inscreve inconscientemente nelas, como um pânico, uma ameaça de aniquilamento e, mais particularmente, como um abandono. É nesse clima afetivo interior que elas vão intensificar o investimento do seu eu-ídolo interiorizado e também escondê-lo de seu ambiente.

Dois outros traços parecem-me caracterizar esse tipo de infância: a ausência de jogo (playing) e de objetos transicionais. Eu não percebi de imediato esses traços pois eu não tinha ainda à minha disposição o conceito de objeto transicional. Só o gênio encontra aquilo que não procura, os outros devem contentar-se em redescobrir aquilo que já foi descoberto por eles... A ausência de jogo e de objetos transicionais vai ao encontro de uma falta de iniciativa da parte dessas crianças: ainda que sejam extraordinariamente sensíveis às variações de humor de suas mães, eles parecem resignar-se prematuramente em não oferecer nada a elas. Elas se contentam em aprender a acrescentar os esforços e os gestos de suas mães em direção a elas, como se fossem uma coisa especial criada. Uma

³ P. Greenacre, “Further notes on Fetishism” (1960), in *Psychoanal. Study Child*, vol. XV.

⁴ Esta expressão sugere para as tradutoras uma analogia ao conceito freudiano de "Pára-excitação", com a ressalva de que, aqui, o mecanismo protetor é dirigido contra os estímulos internos (descarga sexual) e não externos, como no conceito original de Freud (nota das tradutoras brasileiras).

criança, nessas condições, utiliza suas tendências reparadoras de modo muito particular, a saber, diante do eu (soi), tomam-se como objeto-ídolo interno.

Pulemos algumas etapas e tentemos visualizar aquilo que também advém na puberdade e na adolescência do dilema próprio a esse tipo de criança. Se me refiro à minha experiência, posso dizer que todos chegavam à puberdade e à adolescência em um estado de inocência organizada: pouca capacidade para fantasia sexual, primeiras tentativas de masturbação pateticamente insatisfatórias. Sentiam-se enclausurados, quase claustrofóbicos, melhor ainda, despersonalizados, com um tipo de personalidade claramente esquizóide e, entretanto, atormentados por uma necessidade latente e urgente de ir em direção à vida e aos outros sem poder realizar essa necessidade nas relações atuais de objeto. Eles se sentiam cheios de ardor e, entretanto, ninguém se dava conta deles; dotados de uma vida subjetiva intensa, no entanto triste e totalmente desprovidos, repletos de si-mesmos, porém sem nada a oferecer aos outros. Sobretudo, sentiam-se especiais. Eles tinham o sentimento secreto, mas claro de esperar que os descobrissem. É nesse clima interior de afetividade estrangulada e de tensão instintual que uma ocasião ou um encontro com alguém poderia dar-lhes uma abertura para vida.

Nenhum de meus pacientes, a princípio, corria riscos por iniciativa própria. Depois de suas primeiras aventuras, o papel de iniciativa do eu começa a mudar: alguns permaneciam passivos diante do objeto, outros aprendiam a procurá-lo ativamente. Durante algum tempo, fiquei profundamente perplexo quanto ao caráter e ao estilo de suas escolhas, de suas descobertas e de suas relações com o objeto. Certamente, em troca de uma leve distorção, podia sempre me dizer que se tratava de uma escolha de objeto narcísica ou de uma regressão à fase do objeto parcial do desenvolvimento libidinal; mas isso não se encaixava realmente com os fatos. Entrevi progressivamente que um traço do objeto sexual escolhido e encontrado estava sempre presente: era sua aptidão para manter em uso um objeto transicional "como se". Mas falar assim deixava ainda de lado uma grande parte da riqueza da experiência do eu (soi) e do objeto nesses pacientes. Foi somente quando me convenci de que, de um lado, a gratificação obtida pela descarga sexual era, no caso deles, uma experiência-tela⁴ dirigida contra os estados de angústia, e que, de outro, os aparelhos e os instintos sexuais eram essencialmente utilizados com fins

reparadores, que o quadro clínico começou a se esclarecer. A questão seguinte era: a quem é dirigida a tendência reparadora? Não se podia responder que se tratava do objeto enquanto pessoa nem do objeto enquanto imagem idealizada do eu (soi) paciente. Aqui ainda faltava alguma coisa. Foi somente por um exame muito atento e sem pré-julgamentos dos interesses do eu (moi), intensos e elaborados, desses pacientes e de suas relações sexuais com seus objetos, que pude compreender que aquilo que eles colocavam em ato era um modo muito especial de uma relação vivida na sua infância. Essa relação, apesar da percepção aguda que tinham do que faziam, permanecia oculta; era, na sua essência, uma repetição da idolização da criança pela mãe como sendo seu objeto criado, idolização que a criança tinha interiorizada e mantida escondida. As características desse tipo de intimidade sexual perversa e de relação (heterossexual ou homossexual) entre duas pessoas são as seguintes: 1^o os dois parceiros aceitam, de maneira silenciosa e ritualizada, a qualidade do jogo de seu relacionamento. Apesar de todos seus protestos do contrário, entende-se que o caso é transitório e não se compromete com nada; 2^o a relação é, no fundo, privada e secreta; é alguma coisa muito especial que acontece entre as duas pessoas em questão; 3^o cada um, na realidade, faz um gesto de reparação em direção ao outro. É por isso que esta relação permanece "benigna". O elemento de hostilidade e de exploração sádica do outro é mantido o mais baixo possível; 4^o cada um sairá da aventura sentindo-se enriquecido e mais completo enquanto pessoa; 5^o mesmo se cada um proclama sua fidelidade eterna ao outro, ele bem sabe que a separação e a perda são inevitáveis e não serão traumáticas demais; 6^o há de uma parte e de outra, no momento, um sentimento de gratidão por ter podido viver uma experiência muda e indivisível.

É preciso agora que nós respondamos a uma outra questão: por que a tendência reparadora escolhe, para essas pessoas, precisamente a sexualidade, nos seus aparelhos e suas modalidades, como meio de expressão? Se eu julgar por minha experiência clínica, os perversos não são pessoas que impressionam o outro, porque seriam dotados de um apetite sexual particularmente intenso ou de uma pulsão sexual naturalmente forte. Ainda não encontrei perversos que sejam impulsionados na direção de um objeto de gratificação como consequência da pressão instintual. Tudo é concebido a partir da cabeça: as funções e os aparelhos instintuais são de fato explorados

com obstinação a serviço de uma sexualidade programada. E por que é que a tendência reparadora se exprime somente em relação com o objeto sexual? Tanto assim que, fora de tal relação, essas pessoas são muito egoístas, impacientes, sem generosidade, sem empatia pelos outros e friamente ausentes. Uma resposta parcial seria que eles sofreram de uma restrição, até mesmo de uma negação, de suas tendências reparadoras com suas mães na sua infância. Uma pessoa deve ser dotada de atributos especiais enquanto pessoa-coisa para desencadear seus interesses. Eles não podem oferecer um gesto reparador a alguém que é, no início, um ser distinto, bem-definido, como uma entidade à parte completa. Além disso, o objeto potencial deve partilhar suas tendências comunicando através de um corpo-ligagem. O soma de uma criança pequena está pronto a receber a impressão de sua mãe bem mais cedo que sua psique diferenciada (eu) e essa complacência do soma da criança pequena é maior do que será da parte de um eu mais desenvolvido. De onde vem, nas pessoas das quais eu falo, uma inclinação a regredir a essa fase e a essa modalidade de inter-relação.

Além disso, parece-me que desempenham igualmente função as inibições sutis e discretas da agressividade que poderia emergir nesses sujeitos. Tais mães contornam, dispersam e até mesmo negam os gestos agressivos, presentes na tendência reparadora da criança, que põe em jogo sua musculatura. Resulta daí que a agressividade se exprime nas reações de raiva que dependem elas próprias de um desenvolvimento precoce dos mecanismos de defesa do eu. Quando os pacientes, aos quais eu faço alusão, se punham à procura de cúmplices, experimentavam, por assim dizer, uma sabedoria latente na escolha de seus objetos. Não era necessário que o eu deles estivesse muito diretamente implicados; de outro modo, suas angústias e defesas fóbicas e paranóides entrariam precipitadamente em ação e estragariam toda a relação. Aqui está um problema com o qual somos muito freqüentemente confrontados no tratamento de caracteres esquizóides apresentando inibições sexuais agudas. A intimidade sexual inaugura um movimento de retirada perante um olhar público e permite a rituais e a um simbolismo privados serem sucessivamente experimentados, aprendidos e ensinados. O que não os impede de satisfazer relativamente as exigências da realidade e dos sistemas de valores comuns. Um outro fator presente em todas as perversões é uma falta caracterizada de elaboração das experiências do corpo na fantasia

psíquica. Os fantasmas manifestos dos perversos são fortemente marcados de banalidade e repetição.

Um último ponto. Todas as perversões implicam uma alienação fundamental da pessoa em questão a respeito de seu si-mesmo(soi), ao mesmo tempo em que há uma tentativa para encontrar a “personalização” através de um maquinário⁵ muito elaborado de experiências sexuais. A inconsolabilidade do perverso só tem como igual a sua insaciabilidade.

Foi preciso as pesquisas de Freud e seus sucessores para nos dar algum acesso à problemática do perverso sem todas as mitificações da aprovação moral ou da adulação invejosa, que são aquelas de uma sociedade pretensamente liberal. Mais é preciso reconhecer que a problemática do perverso está ainda longe de ser esclarecida. Os dados da experiência são tão saturados de elaborações e de benefícios secundários e são tão deformados que todo conhecimento constitui aqui uma armadilha. O que nos seria necessário é colocar mais claramente em evidência os elementos positivos que ficam escondidos sob os fragmentos do erotismo *expert* do perverso. É dentro dessa perspectiva que procurei esclarecer o papel desempenhado pela tendência reparatória a respeito do eu (moi) enquanto objeto interno idealizado.

Na medida em que o perverso procura reparar seu próprio eu-ídolo – seja por meio de práticas masturbatórias ou por identificação projetiva com alguém que represente seu eu (soi) interno idealizado – não há nenhuma possibilidade de relação e de mutualidade real. É importante que se distinga três componentes na relação que estabelece o perverso com ele mesmo e com seu objeto, a saber: a idolização, a idealização e a identificação narcísica. Na idolização, o objeto é tratado como um fetiche sagrado. Na idealização, somente um aspecto do objeto se vê dotado de uma qualidade muito intensa. Na identificação narcísica, enfim, o objeto é utilizado como um espelho do eu (soi), em uma tentativa defensiva de esconder sentimentos de inferioridade e de não-valor.

Pode-se ver em construção muito claramente esses processos dentro da transferência. Quando o paciente precisa ser idolizado, todo gesto do analista que indica que ele é um ser separado é sentido como traumático e aniquilante. A dependência do paciente que procura da parte do analista uma aceitação total é aqui extrema. O analista precisa realizar a reparação a fim de que uma personalização

⁵ Preferimos aqui a palavra “maquinaria” a “mecanismo”, para ressaltar o caráter de concretude, de captura e subordinação das pulsões do id ao ego.

possa advir. No caso em que é o ser idealizado que é representado pelo paciente, encontra-se freqüentemente um sutil denegrimento do analista. Enfim, no caso da identificação narcísica, o que é pedido, é uma intimidade de relação, mais que um trabalho levado com o analista.